

CCB

TEMPORADA 20 – 21

ENTRE



MÚSICA / CONCERTO ONLINE

ORQUESTRA DE CÂMARA PORTUGUESA

Serenata

ORQUESTRA DE CÂMARA PORTUGUESA

Serenata

CAPA © FILIP KOMINIK



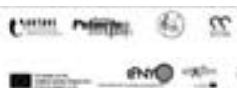
PARCEIROS OCPSOLIDARIA PATROCINADOR NOTAS DE CONTACTO



PARCEIROS INSTITUCIONAIS



PARCEIROS JOP



PARCEIROS DE SETOR



PARCEIROS MEDIA



APOIO



APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA A TEMPORADA 2020/2021



COFINANCIADO POR



BILHETEIRA ONLINE CCB.PT



Orquestra de Câmara Portuguesa

direção musical

Pedro Carneiro

encenação

Teresa Simas

PROGRAMA

John Cage (1912-1992)

44 Harmonies From Apartment House 1776 (excertos)

Charles Ives (1874-1954)

The Unanswered Question

Heinrich Biber (1644-1704)

Battalia à 10

1. *Sonata: Allegro – Presto*

2. *Allegro*

3. *Presto*

4. *Der Mars*

5. *Presto*

6. *Aria*

7. *Die Schlacht*

8. *Adagio: Lamento der verwundten Musquetir*

Pyotr Ilyich Tchaikovsky (1840-1893)

Serenata para Cordas, op. 48

1. *Pezzo in forma di sonatina: Andante non troppo – Allegro moderato*

2. *Valse: Moderato - Tempo di valse.*

3. *Élégie: Larghetto elegiaco.*

4. *Andante – Allegro con spirito*

A partir de duas obras extraordinárias e contrastantes — a *Serenata* de Tchaikovsky e a *Battalia* de Biber — a Orquestra de Câmara Portuguesa mergulha no universo intimista de Charles Ives e John Cage, num concerto encenado por Teresa Simas. *Serenata. Sereno.*

Uma pergunta sem resposta: a obra misteriosa de Charles Ives (1874-1954), uma tapeçaria cósmica em forma de som. *Serenar.* Uma série de harmonias, música reconstruída por John Cage (1912-1992) a partir de hinos de compositores contemporâneos da Revolução Americana de 1776. *Claro. Limpo.* Heinrich Biber descreve vários quadros em mote surrealista, numa explosão de cor, ímpeto, criatividade e imaginação. *Pacificar, tranquilizar.*

Com a sua imaginação arrebatadora, Tchaikovsky encerra as páginas da sua serenata com uma reminiscência do seu início — lembramo-nos da obra mistério de Charles Ives: uma resposta ao ruído incessante criado pela humanidade, o silêncio?

Pedro Carneiro

NOTAS AO PROGRAMA

John Cage (1912-1992)

44 Harmonies from Apartment House 1776 (excertos)

Apartment House 1776 de **John Cage** (1912-1992) é uma extraordinária projeção musical caleidoscópica da alma norte-americana. Dando voz a 4 comunidades presentes na fundação do país – protestantes, sefarditas, nativo-americanos e afro-americanos –, Cage articula diferentes cantos tradicionais e religiosos por cima de uma sobreposição tão estimulante quanto hipnótica de excertos de danças, hinos e marchas americanas do séc. XVIII, como que irrompendo das várias salas de um apartamento. A obra foi concebida e estreada para a celebração dos 200 anos dos EUA em 1976, e enquadra-se num princípio compositivo que Cage designa como *musicircus*, uma multiplicidade de centros musicais, aliado a um outro princípio, a *indeterminação*. Tal permite em cada abordagem que as 44 harmonias possam ser tocadas por qualquer tipo de tecla ou formação instrumental e os 14 excertos melódicos, cantados, reproduzidos em gravação ou transpostos para outros instrumentos melódicos. Assim, é difícil não vermos nesta forma aberta de desafiar os intérpretes a manipular o material musical de *Apartment House 1776*, uma certa metáfora do próprio espírito de liberdade e independência que esteve na base da revolução norte-americana de 1776.

Charles Ives (1874-1954)

The Unanswered Question

O norte-americano **Charles Ives** (1874-1954), dono de uma próspera agência de seguros, trabalhador dedicado e compositor nas horas vagas, guiou-se sempre por fortes convicções éticas e espirituais e acreditava na arte como veículo para chegar a um entendimento universal que transcendesse os limites de cada crença religiosa. Com *The Unanswered Question*, escrita em 1908, revista em 1935, ele interpela-nos de forma desarmante, direta, inequívoca, quase universal, porque malgrado as nossas diferenças, há uma pergunta inquietante e persistente que nos acompanha a todos. Nesta miniatura orquestral de uma beleza

extrema, a pergunta é repetidamente formulada por um trompete solitário que irrompe a espaços, de forma enigmática mas elegante, por cima de um murmúrio sereno de cordas. As respostas do quarteto de sopros, por contraste, surgem desconexas, estridentes, inconclusivas, e fica-nos a angústia da resposta mais uma vez adiada, ou quem sabe, concretizada numa dissonância rasgada que exige lenta descodificação. A independência criativa de Charles Ives plasma-se sem mistério nesta composição, introduzindo-nos num manto de tonalidade estrita para depois, com a sobreposição politonal e a irrupção do atonalismo livre, nos instalar com eficácia numa atmosfera poderosa de inquietação. Chamou-lhe também «Paisagem cósmica» e não podemos senão concordar.

Heinrich Biber (1644-1704)

Battalia à 10

1. *Sonata: Allegro - Presto*
2. *Die liederliche Gesellschaft von allerley Humor. Allegro.*
3. *Presto* 4. *Der Mars* 5. *Presto* 6. *Aria* 7. *Die Schlacht*
8. *Adagio: Lamento der Verwundten Musquetirer*

Battalia à 10 é um conjunto de 8 andamentos para orquestra de cordas que o boémio **Heinrich von Biber** (1644-1704) compôs em 1673 para o Carnaval de Salzburgo. Escrita na tradição de outras congêneres do seu tempo, a peça pretende abordar pela música diferentes momentos de uma batalha. Mas o virtuosismo no violino que afamava Heinrich Biber levou-o a explorar de forma particularmente inventiva para a época as capacidades do instrumento, ilustrando os «episódios» desta batalha (embates, disparos, marcha) com múltiplas técnicas de execução como percutir as cordas com a parte de madeira do arco (1.º andamento), fazer *pizzicatos* percussivos (7.º andamento) ou colocar um pedaço de papel nas cordas para imitar a vibração de uma caixa de rufo (4.º andamento). Mas destaca-se sobretudo a humorística e audaciosamente «moderna» secção dissonante, com a sobreposição de 8 canções alemãs e eslavas numa embriaguez desarmónica, tão comum em momentos de ébrio convívio coletivo (2.º andamento). Biber justificou-se com a seguinte nota: «Aqui é completamente dissonante, pois é assim que habitualmente os bêbados costumam bradar as suas diferentes canções.»

Pyotr Ilyich Tchaikovsky (1840-1893)

Serenata para Cordas, op. 48:

1. *Pezzo in forma di sonatina: Andante non troppo - Allegro moderato.*
2. *Valse: Moderato - Tempo di valse.* 3. *Élégie: Larghetto elegiaco.*
4. *Andante - Allegro con spirito*

A Serenata para Cordas op. 48, escrita por **Tchaikovsky** (1840-1893) em 1880, é uma das mais conhecidas e citadas obras do compositor russo, incluída em bailados e filmes. O nome serenata é uma assumida homenagem a Mozart, requisitando-lhe, para além da designação e da utilização da forma sonata no 1.º andamento, uma escrita equilibrada e densa, sem nunca deixar de ser elegante. O expressivo e solene tetracorde descendente do 1.º andamento dá o mote para um desenvolvimento motivico bem urdido e rico de modulações. A Valsa (2.º andamento), com um belíssimo diálogo quase-dança entre os primeiros violinos e os segundos com violoncelos, tem uma graciosidade profundamente atrativa que a autonomizou como peça de repertório. A Elegia (3.º andamento), de carácter mais escuro e contemplativo no 1.º tema, abre-se com surpreendente elegância para um 2.º tema lírico, terminando num pianíssimo quase fantasmagórico. O *Finale* (4.º andamento), luminoso e alegre, lança-se em passagens cheias de vitalidade inspiradas em duas danças tradicionais russas. Eis quando, para grande surpresa, Tchaikovsky frustra a cadência final com uma inesperada reexposição do tema impactante do 1.º andamento, mas logo o contamina e reconduz na coda à vivacidade dos temas russos, até ao fulgurante *accelerando* com que a Serenata termina.

Isabel Novais



PEDRO CARNEIRO

Considerado pela crítica internacional como um dos mais importantes percussionistas e dos mais originais músicos da atualidade,

Pedro Carneiro toca, dirige, compõe e leciona.

É solista/diretor convidado de algumas das mais prestigiadas orquestras nacionais e internacionais, tais como a Los Angeles Philharmonic, BBC National Orchestra of Wales e a Vienna Chamber Orchestra.

É cofundador, diretor artístico e maestro titular da Orquestra de Câmara Portuguesa e da Jovem Orquestra Portuguesa que dirigiu em diversas digressões europeias.

Foi bolseiro da Fundação Gulbenkian na Guildhall School (Londres), em percussão e direção de orquestra, e seguiu os cursos de direção de Emilio Pomàrico, na Accademia Internazionale della Musica de Milão. Recebeu vários prémios, destacando-se o Prémio Gulbenkian Arte 2011, e a nomeação para o Prémio Autores 2016, da Sociedade Portuguesa de Autores, para o Melhor Trabalho de Música Erudita, pelo concerto na Konzerthaus em Berlim com a Jovem Orquestra Portuguesa.

TERESA SIMAS

Bailarina, coreógrafa e doutoranda em dança na Universidade de Lisboa (FMH). Durante 22 anos dançou em países como Rússia, Reino Unido, França, Estados Unidos, Brasil e Portugal.

Começou a criar no Dança Grupo como intérprete cocriadora em 1986.

Os seus trabalhos foram apresentados no GITIS – Instituto de Artes Dramáticas de Moscovo, onde estudou; no Purcell Room, em Londres; no Festival de Saaremaa, na Estónia; no Centro Cultural Belém, em Lisboa; e noutros festivais e eventos. É autora do programa de rádio *Dança Falada, Ouvir a Dança*, transmitido pela Antena 2, em 2012.

É cofundadora da OCP, onde criou um programa de *body awareness* para músicos, programa esse que tem vindo a ser difundido noutras orquestras e festivais internacionais. Encena e coreografa programas da OCP desde 2011. Na OCP é Diretora de Projetos e Inovação e Coordenadora dos Projetos Sociais: Notas de Contacto – a OCPolidária na CERCIOEIRAS, Sementes OCP, Jovem Orquestra Portuguesa e OCPdois.

ORQUESTRA DE CÂMARA PORTUGUESA

A OCP foi fundada por Pedro Carneiro, Teresa Simas, Alexandre Dias e José Augusto Carneiro, em 2007, criando espaço a novos solistas e maestros, trabalhando com criadores de renome. Internacionalizou-se em 2010 no City of London Festival, com 4 estrelas no *The Times*.

Tem como missão ser um fórum artístico enriquecido com uma visão pluridisciplinar da arte musical e performativa.

A ação da OCP projeta-se também através de projetos de cidadania inclusiva originais como o Notas de Contacto – a OCPsolidária na CERCIOEIRAS; Novos Horizontes – a OCPsolidária no Bairro dos Navegadores, Sementes OCP, no Centro Social 6 de Maio e na APAC de Barcelos e a OCPdois dedicada ao encontro de mundos de músicos profissionais e amadores.

Em 2010, lançou a Jovem Orquestra Portuguesa, representante de Portugal na Federação Europeia de Jovens Orquestras Nacionais, que se destaca pelas internacionalizações no Ateneu de Bucareste e na Konzerthaus de Berlim (Festival Young Euro Classic).

Direção Artística
Pedro Carneiro

Direção Executiva
Alexandre Dias

Diretora de Projetos e Inovação
Teresa Simas

Consultor
José Augusto Carneiro

Produção
Madalena Branco, Gabriel Lapas

Gestor de Comunidade
André Butler

Fotografia
Bruno Vicente

Projeto Novos Horizontes a OCPsolidária
no Bairro dos Navegadores
Orquestra ON

Carla San João Bico Daricaname CONTRABAIXO

Bruna Naiara Pereira Monteiro VIOLONCELO

Manuela Barberino Ewbank FLAUTA

Afonso Maria Daniel Coelho de

Oliveira Lourenço CLARINETE

Márcio Jorge Semedo VIOLA

Leticia Libânia Freire Moreira VIOLINO

Catarina Martinho Freixiela TROMPETE

Evelise Patrícia Ramos da Veiga CLARINETE

Carolina Simas Dias Gomes Carneiro TROMPA

Inês Simas Dias Gomes Carneiro FAGOTE



